

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



II SERIE — N.º 733

Lisboa, 8 de Março de 1920

20 cent.

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colónias portuguesas e Espanha:

Trimestre ..... 2\$00 ctv.

Semestre ..... 3\$00 "

Ano ..... 10\$00 "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Sécuro, 41 — LISBOA

## Eau de Cologne "EXCELSIOR"

Producto superior comparavel aos melhores do estrangeiro.

A MELHOR QUE SE  
FABRICA EM PORTUGAL

FRASCOS 7\$00. 3\$90 e 2\$10.

## "Água Alexandra"

Preciosa para branquear e aveludar as mãos, previne o cieiro e as rugosidades.

UNICA NO GENERO

FRASCO \$85.

## "Água Nupcial"

Especial para tirar a oleosidade ao rosto, torna-o mate e sem brilho. Faz aderir o pó d'arroz.

FRASCO 1\$45.

## "Banho de Farelos perfumados"

Magnifico para tornar o banho delicioso, amacia a pele e dá uma incomparavel frescura e suavidade.

PACOTE \$50.

A' venda na **PERFUMARIA DA MODA, 5, rua do Carmo, 7**, o mais artistico estabelecimento de Lisboa, e nas farmacias, drogarías e melhores casas da especialidade em todo o paiz, ilhas e Africa.

Os pedidos para revenda devem ser dirigidos a **AYRES DE CARVALHO, Rua Ivens, 31, Lisboa, séde dos escriptorios e fabrica**

## Menstruação

Com as menstrinas reg.<sup>h</sup>

Aparece e sem inconveniente no mais curto espaço de tempo dada a sua origem tónica e reconstituinte seja qual for o caso que se empregue. Resultados garantidos.

Caixa com instruções 2\$50 e correio 2\$00. Lab. e Deposito: V. Ferrão, L. da Saúde, 14. — Quintans, R. da Prata, 194. — Azevedos, Rocio, 31. — Netto Natividade, Rocio, 122 — LISBOA.

## PINTURA DE CABELOS

EM TODAS AS CORES COM A DURAÇÃO DE 2 ANOS

LAVAGEM DE CABEÇAS COM SECAGEM ELECTRICA. — ONDULAÇÃO MARCEL. — MANUCURE. — TRATAMENTOS ESTETICOS.

## TINTURA YILDIZIENNE

A melhor que ha para pintar os cabelos brancos em todas as cores com a duração de 2 anos.

DESCONTOS AOS REVENDEDORES

RESPOSTA MEDIANTE ESTAMPILHA

## Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA, 23

TELEFONE 3641 C.

Depositos: LISBOA, Salão Mimoso, Rua Augusta. — PORTO, Bazar Soares, R. 31 Janeiro.

## M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso de dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondência. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2.1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, prédio esquina).

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 733

Lisboa, 8 de Março de 1920

20 Centavos

## CRONICA

### D. AFONSO DE BRAGANÇA

Raras vezes a Historia regista nomes de principes para caracterisar periodos culminantes, porque, na verdade, poucos principes teem logrado a celebridade, que pertence de direito aos vultos que dominam pela intelligencia e pela sabedoria; a mesma Historia, porém, não os esquece, porque os actos de quem, embora pelo acaso do nascimento, contraiu altas responsabilidades, teem de ficar na memoria dos vindouros para que os condene ou absolva.



D. Afonso de Bragança, recentemente falecido, foi um nome obscuro, mas não é desacertado supôr que os futuros investigadores dos homens e dos acontecimentos do nosso tempo venham a reconhecer que é precisamente essa obscuridade o que o recomenda à benevolencia dos juizes; se não se evidenciou por fanhas, resistiu, no emtanto, á tentação — tão facil, em pessoas da sua casta—de praticar o mal e assim a sua influencia não figurará no somatorio social como quantidade negativa. Os povos costumam manter para com os principes, que d'esse modo procedem, um silencio respeitoso.

### A CAMPANHA CONTRA O JOGO

De todos os aplausos que o «Século» tem recebido pela sua vitoria, conseguindo o encerramento das casas de jogo, os mais comovedores são os das mulheres, manifestados em centos de cartas, que todos os dias entram nos escritorios d'esse grande jornal. Não possuem arrebiques de estilo nem outros preciosismos literarios, em que somos ferteis, mas teem mais e melhor, porque teem sinceridade e indicam, simples como são, o desafogo de corações durante muito tempo oprimidos e sorrisos de labios que até agora só se descerravam para deixar passar gemidos ou maldições.



Valeu bem a pena levantar essa questão de moralidade, mesmo á custa de tristezas pessoais, profundissimas; impedir que uma onda de lama subvertesse totalmente a sociedade portuguesa, já seria, para uma consciencia limpa, compensação sufficiente a todas as dores da hora presente, mas se ela necessitasse, para mais alivio e por caprichosa exigencia da condição humana, d'uma manifestação immediatamente palpavel, nenhuma haveria que mais consoladoramente a pudesse satisfazer do que essas cartas, que são outras tantas benções de filhas, de esposas e de mãis

### PINTURA

Multiplicam-se as exposições de pintura em Lisboa e todas são visitadas por numero-so publico e discutidas com calor, a provar que muito se tem caminhado nos ultimos anos no sentido educativo e que o pintor-boemio, o incompreendido e revollado, o que morreria de fome se não transigisse com o mau gosto dos burgueses ricos, só existe nas lendas; o de agora tem quem o aprecie, impõe-se com independencia e, como resultado agradabilissimo dos seus esforços, vende todos ou quasi todos os quadros que expõe.



E dever do cronista fixar esse facto, o que faz com júbilo, chamando a atenção do leitor para as obras verdadeiramente belas que se encontram n'alguns sa-

lões da capital, de Artur Loureiro, José Leite, Alberto de Sousa e Leal da Camara, bem conhecidos os três ultimos e esquecido o primeiro—esquecido porque durante muito tempo esteve longe de nós, em Paris e Londres, onde recebeu primeiros prêmios e em Melbourne, onde dirigiu proficiente-mente um curso de pintura. Os restantes são-nos familiares, e seria já hoje para o lisboeta motivo de estranheza e contrariedade o faltar-lhe a visita anual de quem tão deliciosamente reproduz os trechos e os costumes da nossa encantadora e suavissima terra.

### LIVROS

Carlos Selvagem, o novo dramaturgo, que o publico consagrou desde a estreia, dá-nos agora em livro a sua peça *Ninho d'Águias*, representada com grande exito no Ginasio, e Corrêa de Oliveira, o delicado poeta, escreve redondilhas para o povo, sob o título *Na hora incerta* ou *A nossa Pátria*, num curioso livrinho em que procura, segundo o dizer de quem lhe traçou algumas palavras no ante-rostto, «fazer boa, rija e util amarra de verdade e beleza, da chamada literatura de cordel».



São dois trabalhos que merecem um lugar de honra nas estantes bem

guarnecidas.

**Acacio de Paiva.**

(Ilustrações de Rocha Vieira).

# O Bem e o Mal ou a Praia da Rocha



por  
Souza Costa

PORTIMÃO. — Vista geral da Praia da Rocha.

**D**E Portimão à Praia da Rocha o «Fiat» pouco mais demora do que um vôo de arveola.

E' um instante. Quem sair de Portimão a dizer a Salvé-Rainha entra na Praia da Rocha a fecha-la com o sinal da cruz. Cortamos uma rua, subimos uma rampa, — e pronto, o mar avança na nossa frente, nêsse dia sob a luz maternal duma tarde serena como um extase, dôce como um perfume, recolhida como uma nave.

Deixo o carro, volto costas á casaria enfileirada ao longo da rua que vejo chaniar-se Avenida do «Casino», quando deveria ser «Esplanada do Mar», desço á praia pelas rugas da escarpa marginal, vinte metros de altura — porque a praia fica lá ao fundo, porque a terra, na presença do mar azul, abate-se abruptamente, como rendida á magestade do seu senhor, o velho senhor e apaixonado menestrel que desde o principio a namora cantando-lhe as mesmas trovas, enlaçando-a nos mesmos abraços, babando-a na luxúria dos mesmos beijos.

Logo a areia me impressiona. A areia, meus amigos, é a imagem flagrante da traição. Olhamo-la, afigura-se-nos passiva e resignada. Pomos-lhe o pé, e da passividade, e da resignação surgem forças tentaculares que nos tolfem os movimentos e dificultam a marcha. Ali não. A areia, ali, é tão fiel aos pés como aos olhos. Semelha um tecido de lhama de oiro — ou oiro fundido e coado por um crivo, e tão macio que tem condescendências de veludo, não o sendo mais um tapete de bom preço.

Apezar d'isso, porém, demoro-me pouco a gosar o tapête carinhoso da areia. E isto pela simples razão de vêr surgir no raio visual, atraindo-me, dominando-me, convocando todas as minhas energias intimas á ladainha votiva do louvor um motivo maior: — os mil caprichos do mar esculpindo a pedra, aformoseando a terra, as mil atitudes da terra e da pedra trabalhadas na correnteza das edades e na palpação dos temporaes. A terra, ao acordar, ao vêr-se diante do monstro rugidor, sensível e tímida, estremeceu e abateu-se — não na reverencia suave da colina, no assombro hirto da escarpa.

Ao estremeecer e ao abater-se cuspiu do dôrso crispado lascas e blócos — que caíram no seio das aguas. E então o mar, o monstro e o trovador, alma de artista com impulsos de tirano, aos poucos, lentamente, a cantar ou a bramir, a soluçar ou a beijar, sentindo-a fragil, conhecendo-a vaidosa, pôz-se a alinda-la, e a peitar-lhe o amor e a fidelidade, deu-lhe bordados de renda, gargantilhas de coral, filigramas de oiro com estilizações de conchas e buzios. Coloriu-a de vermelho, de côr de rosa, de azul e branco — um arco iris com representação de todos os cambiantes da mocidade. E ás lascas e aos blócos, na mesma ancia, e no intuito de os tornar as suas joias de estimação, coloriu-os tambem, imprimiu-lhes formas bizarras, tatuou-os de estranhos arabescos.

Uma tira bordada no flanco da escarpa lembra um favo embebido de mel. O esboço dum fio de conchas na espadua de certa saliencia parece um colar de camafeus de coralina. E esta rocha, baba-da de escorrecias limosas, é tal qual um queijo holandês, cortado ao meio. E aquele

blóco, talhado em pirâmide, é mesmo uma vela latina pojando ao vento. E toda a costa, a pegar a ocidente com a ponta do Altar, a oriente com a ponta da Piedade, lembra uma cortina lavrada a ouro e matiz, erguida entre a terra e o mar — muralha que a terra opôz ás arremetidas da vaga, regaço que o mar afeiçãoou aos seus impulsos de dominador.

Começo a via-sacra, ao rez da agua, do lado do forte de Santa Catarina — onde se conserva a capelinha gotica em que D. João I, e a sua illustre descendencia, segundo o dizer dos sitios, ouviram missa na manhã promissora da partida da frota luzitana para a conquista de Ceuta. Demoro a vista no castelo de Arade, sinete heraldico fechando nobremente o termo do rio do seu nome — e é como se sonhasse, todo enlevado na aparatosa scenografia do castelo, com os seus arcos ogivaes, com as suas colunas e ameias contemporaneas de D. João II, hoje propriedade do sr. dr. Coelho de Carvalho. Assente num promontorio roqueiro, afigura-se, de relance, uma supuração estilizada da propria rocha.

O mar, na sua transparencia azul de tinta de agualela, não ondula, palpita — é um toldo imenso de veludo de seda, aqui e além ama-fanhado em pregas ligeiras. Apenas, ao roçar a areia, esboça filêtes de renda em murmúrios de beijos.

Vou seguindo a linha arqueada das rochas, formidaveis calcareos policromaticos em formas e disposições singulares — a abrirem em porticos, a sobreporem-se em pirâmides, a esboroarem-se em grutas, a rasgarem-se em fendas. Do flanco perpendicular duma trincheira parte o



Uma pedra curiosa. Praia da Rocha.

lanço arrojado de ponte levadiça. Outra ponte, mais além, avança dum rochêdo isolado para uma torre esponjosa com incrustações laminares. Não são mais variadas, nem mais solidas, as pontes dos desertos de Utah, que a engenharia da Natureza trabalhou com os seculos, a pedra e agua. E é através dos seus arcos irregulares, como o do «Buraco da Avó», que se transita para outras praias, como a das Mêsas, em que os quadros de vistosa scenografia se reproduzem e as impressões se renovam.

Olho a boca escura d'essas grutas; fixo o contorno caprichoso dessas pontes; corro a vista por esse emaranhado labirinto de formas contorcidas e de aspectos estranhos, em que se divisam cascos de navios varados, corpos petrificados de animaes fabulosos; alargo a perspectiva, quedo os olhos no mar, nêsse lago de gaze que na fluidez do seu azul até parece o céu invertido—e penso em Wagner, no artista supremo da forma, da côr, do som e do vago, e convenço-me de que Wagner, naquela praia, aproveitaria aquele scenario para fundo dos seus dramas liricos.

Aproveita-lo-hia de certeza para o «Navio Fantasma». A velha nau lá estava, a carcassa enorme lambusada de licheus, babada de algas, encahada na areia. Era só conduzir á praia a figura virginal de Senta, fremente de ansiedades desconhecidas diante do «Holandês errante» o marinheiro salvo do naufragio, que em breve lhe revela o novo mundo do amor e dos beijos.

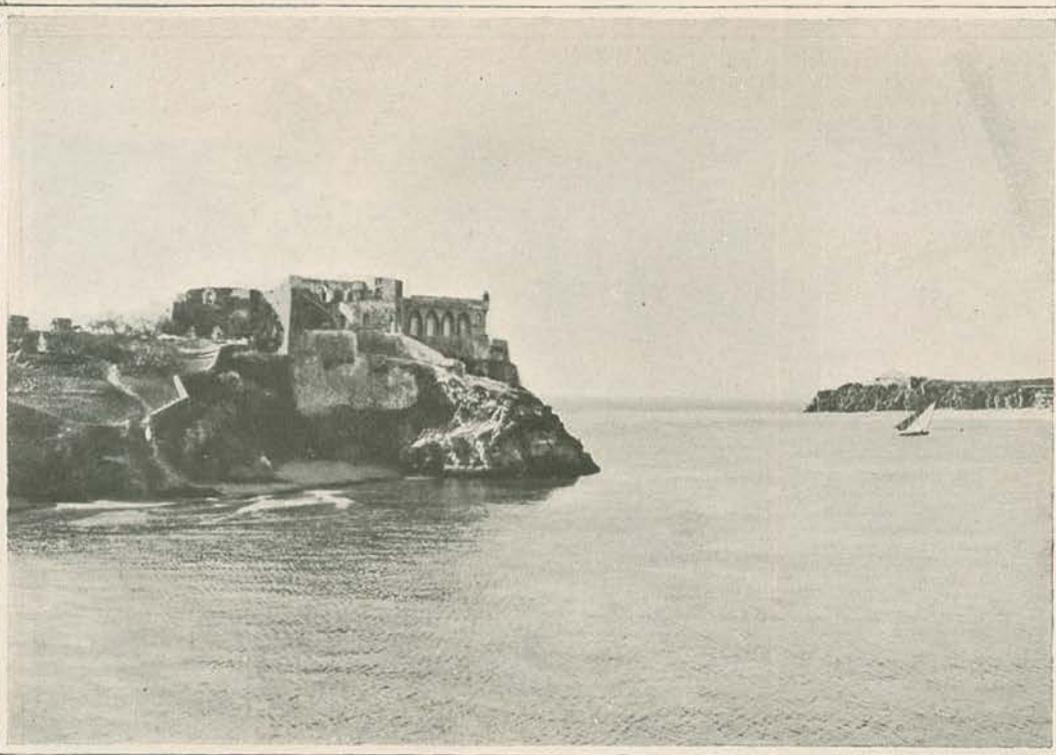
O «Tanhauser». Seria esse o seu palco natural. Não lhe faltavam as grutas nem as cavernes. O mar, nêsse dia ao menos, tinha a cumplice mansidão do lago fatidico de Venusberg. Era só povoar as cavernas e as grutas de ondinas e driades, de

ninfas e sereias, de faunos e tritões. Era só trazer á flôr das aguas, a espuma harmoniosa de Venus. E «Tanhauser», o belo guerreiro de Warthburg, o noivo cristão de Elisabeth, esqueceria como nunca a austeridade apostolica do seu castelo, a pureza virginal da sua noiva, para entoar o hino pagão á Venus tentadora—ao sensualismo e á vida, tangendo a harpa de oiro, fremente entre a rajada de carnes nuas a bailarem e de bôcas rosadas a cantarem.

Não lhe faltaria mesmo a correspondencia á sinfonia do som na sinfonia da forma e da côr, representada nessa pedra que é bronze velho e cobre novo, basalto e marmore; nessa pedra que se abate e se alteia, que se encolhe e se distende—distendendo-se em dilatações de tonel, alteando-se em fugas de minarête.

Mas... nada ha instavel como a sensação — a sensação agradável em especial. Ali, na «Praia da Rocha», para saltar da melhor á pior das sensações não foi preciso senão transitar da obra admiravel da natureza para o artificio pretencioso do homem — para a pedra, a madeira e a argamassa de que o homem fez a sua morada estival.

Sobre aquela praia algarvia, tipicamente algarvia, que pôde ter excedentes em grandeza decorativa nas costas da Normandia, nos «fjords» da Scandinavia, mas que não tem costas nem «fjords» eguaes em côr e luz — falta-lhes a sua luz radiante, aveludada e triunfal, falta-lhes a sua côr característica, estridente e calida — o homem, o senhor e escravo do bem e do mal, plantou aquele sólo de «chalets» suiços, debruou aquela praia de «chalets» provençaes, mascarrou aquele scenario de pessimas traduções de «chalets» de toda a parte.



Castelo de Arade á entrada da barra de Portimão, na foz do rio Arade e em frente do forte de Santa Catarina, praia da Rocha. Partence ao escriptor dr. Coelho de Carvalho.

E o verifica-lo magôa tanto mais, quanto é certo que em nenhuma praia do paiz, que em nenhuma praia do mundo se podia concertar melhor a harmonia do artificio do homem e da arte

de estampagem, cerração e ferraria de Judice Fialho, onde o amor proprio algarvio constroe os seus cêrcos de vapores de pesca com madeiras de Monchique, com ferragens, cabos e utensilios



Praia da Rocha. (Caminho do Sul).

da natureza—de maneira a realizar a praia tipica, a praia inconfundivel, a praia una.

O homem, para o conseguir, não precisaria senão de olhos que vissem e de coração que sentisse. Sentindo a sua terra, vendo os seus recursos, com as chaminés algarvias, em que ha o orientalismo de minarête e a graça do corucheo, com os terraços algarvios em que se trae a ascendencia arabe da construção regional; com os seus arcos plenos e os seus telhados em tesoura, o homem realisaria um artificio concordante com a arte da Natureza, e em nada parecido com o artificio dos outros homens.

Agitaram-me acessos incendiarios. Seria com prazer o Nero dessa Roma de maus idolatras—sê-lo-hia sem hesitar se possuísse os tributos das provincias imperiaes para transformar essa bachanal de linhas híliridas numa dôce festa de motivos regionaes, entre islamitas e christãos.

Só ao outro dia a actividade productiva de Portimão, a linda vila espriada á beira dos sapaes que as marés cheias alagam,—as grandes fabricas de conserva de peixe e fructas, as grandes fabricas

nauticos aparelhados em oficinas proprias; só a beleza romantica do Arade, coalhado de mastros e chaminés, percorrido á garupa dum gazolina, amorteceram no meu espirito a impressão final da Praia da Rocha.

Só inteiramente a esqueci no trajecto para Loulé, debaixo da chuva de fôgo dum poente de maravilha. Fizeram-me esquecer os vinhêdos de Estombar, os figueiras da Lagôa — atravez d'um d'eles, com dezenas de hectares, com milhares de figueiras, rodamos vinte minutos. As suas figueiras alinhadas, de ramos nus apoiados no chão, eram candelabros de bronze em regio cortejo funebre. Até velas ardiam nos candelabros, porque a lava do sol amortalhado afogueava os pampanos que lhes rebentavam nas pontas.

Galgamos a meia encosta do interior. E' noite ao passarmos sobre os muros caídos de Boliqueime. E na tranquillidade da noite, o céu pontuado de estrelas, polvilhado de vias-lacteas tem apparencias de velario secular, nuns pontos esburacado pelos ratos, noutros esfiado pela traça—deixando-nos entrever, louvado o Senhor, a luz infinita do Além...

# OS CASTELOS DA ROCHA

(Ao Sr. Falcão Trigoso).

*A*quele rapazelho pensativo  
D'olhos pequenos, negros e singelos,  
Tomava um ar sombrio e nada vivo  
Nos pincaros agrestes dos Castelos.

*Filho do mar, espirito nativo,  
Buscava assim os horisontes belos,  
Como se o vasto e original motivo  
Que suscitasse eternos pesadelos...*

*Quem sabe se o artista que o fitava  
No correjo das rochas solitarias  
Via n'ele uma luz que despontava?*

*Almas estranhas, seres a' eleição,  
Almas febris e mais tumultuarias  
Que a lava que fermenta n'um vulcão!...*



# O JORNALEIRO MINHOTO



O tugurio do operario no Minho



o cantar do galo, que é bom madrugador, debaixo de chuva impertinente ou neve de palmo, os humildes jornaleiros abalam pressurosos para a labuta quotidiana.

Por tortuosos atalhos e multiplas veredas lá vão em alvoroço tratar da vida, que a morte é certa, inumeros ranchos de homens e mulheres.

Ha-as de ventre cheio, coitadinhas, sabe Deus para cada hora, que mais vagarosas, aos poucos, acompanham, na cauda, o movimentado cortejo do povo rural trabalhador.

Flutua no espaço incmensuravel o bulhar nervoso de pesados sócos.

Ao alto, n'um gesto de soberania apoteotica, a enxada de gume reluzente, afiada ha instantes, inseparavel com-

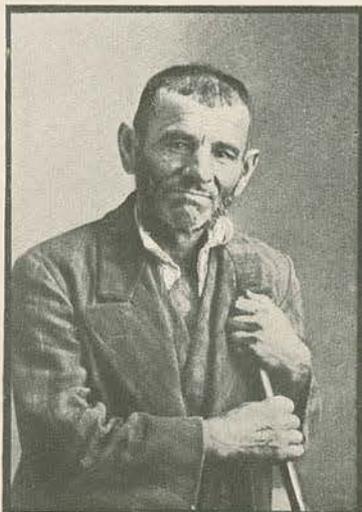
panheira de infortunio, sempre pronta, a boa amiga, á primeira voz, a lidar.

Afaga-lhes as avantajadas costas, d'uma rigidez d'aço, que é de pasmar, o cossado saquitel de fragil chita, aos quadradinhos, berrante, de ramagens multicôres. E' a frugal provisào de boca para todo o santo dia: o duro naco de brõa de milho, meia duzia de maçãs, duas ou tres sardinhas salgadas já é n'estes tempos que correm d'erguer as mãos ao ceu de contentamento.

Vozes claras, aveludadas, doces como favos de mel perdem-se aqui; além, na amplitude áimensa da paisagem campesina

Quem canta seu mal espanta.

Dedos calosos de trabalho rude moirejam de solnado á hora mistica da Santissima Trindade na faixa incançavel de lançar á terra creadora a semente milagro-



Jornaleiro minhoto



1. Trabalhos caseiros. A água.—2. Um jornaleiro de 80 anos trabalhando n'um alambique de destilação de bagaço.

sa. Na próxima colheita,—que de esperanças! — se o ano não fôr escasso e o *Senhor* quizer transformar-se-ão veigas enormes em messas ondulantes de bagos doirados.

Plethorico S. Miguel para os que têm que perder, os eleitos da ventura, e abençoada alegria para os muitos parias que pululam por esse vasto mundo de Cristo aos baldões da má sorte.

Espera á noitinha aos pobres trabalhadores do campo, quando de regresso á humilde choupanha, um magro caldo com um ligeiro fio d'azeite aflorando á superfície da pitoresca malga de barro escu-

ro. Afere um jornaleiro dos bons, creatura cuidadosa e diligente, uma triste, ridícula, inacreditavel bagatela: quando muito a irrisoria quantia d'uma *corôa a seco* e qualquer coisa como a insignificancia de quinze miseros vintens a de *comer*.

«O jornal mal nos dá p'ro caldo». É a frase dolorosa que circula, a miudo, como um grito energico de revolta, na boca amarrada de fome do sacrificado cava do minhoto.

Domingos Ferreira.



(Clichés de A. Soucasaux).

A refeição do meio dia

# A PAISAGEM PORTUGUEZA



CALDELAS. Estrada do Gerez.—(«Cliché» de João Fernandes Tomaz).

# Vida Artística

Malhõa, mestre Malhõa, pintor intenso, grande e original, acabou de pintar o retrato de Marques Leitão, que é um vulto eminente entre os professores e que é actualmente o director da

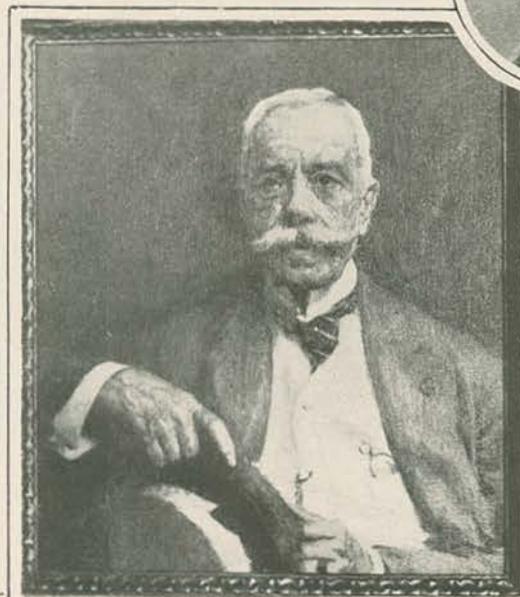
Escola Industrial Marquez de Pombal, onde como homenagem ao seu valor, o retrato, que Malhõa pintou, foi inaugurado. Que o retrato é uma obra prima é inutil dizer. Bastará afirmar que Malhõa poz nele o melhor dos seus recursos e do seu amor á arte em que é uma legitima gloria.

A Esperanza Iris, ao terminar a sua temporada no Teatro de S. Luiz, foi oferecido um numero unico autografo e um almoço de homenagem. Damos o fac-simile d'esse numero e o grupo de jornalistas que com a distincta actriz almoçaram no Garrett.

Um novo quadro de Malhõa. — Esperanza Iris.



O pintor José Malhõa



Marques Leitão  
retrato pintado por José Malhõa



1. O numero autografo oferecido a Esperanza Iris. — 2. Esperanza Iris e os jornalistas que assistiram ao almoço em sua homenagem.

# ECOS DO CARNAVAL

## O Carnaval na Provincia

DAMOS hoje alguns aspectos do Carnaval nas provincias. Em algumas terras, como na Marinha Grande, o Carnaval tomou um caracter extremamente simpatico, pois motivou uma festa a favor da delegação da Cruz Vermelha ali.

No Entroncamento um grupo de rapazes parodiou um casamento, sem que na brincadeira entrassem mulheres. Assim, embora a nossa gravura apresente algumas, elas são de homens que, fartos de usar colarinho e chapéu de côco, decidiram um dia, este ano, pôrem os chapéus e romeiras pertencentes ao



1. Um pequeno cow-boy, 1.º premio no Teatro Nacional e no Coliseu dos Recreios, o menino Humberto Dias Sarria.—2. Os meninos Georgina Cordelro, Artur Rodrigues, Arminda Rodrigues e Arminda Palva.—3. As meninas Maria de Lourdes Coucelro Neto Guedes Coelho e Laura da Costa Roque, que na festa da Marinha Grande, a favor da Cruz Vermelha, recitaram versos. 4. A menina Maria Francisca Adelaide de Sarrea Braklamy de Palva Leite Brandão.

Um casamento carnavalesco no Entroncamento. O noivo, Alberto Mendes, e a noiva, Francisco Neves da Costa. Os noivos, madrinhas e respectivos convidados. No grupo não entra nenhuma senhora. — (Clichés Aives. (Barquinha).

outrosexo. Emfim, em toda a parte este ano o Carnaval não teve grande animação. E nem os tempos que atravessamos são de rasgada folia.



1. Um tenente aviador, a menina Maria Alice de Abreu e Lima. — 2 e 3. Maria Augusta e Maria Helena Bastos de Jesus. — 4. Rui d'Assunção Salval Martins. — 5. O grupo das festas da Marinha Grande. — 6. Uma enfermeira de 6 anos, a menina Maria Angela de Magalhães Alves, (Fot. Alves (Barquinha). — 7. A moleira holandesa da *Mademoiselle Ecran*, menina Maria de Lourdes Cunha. — 8. O casamento do capitão-medico, Os meninos Alberto Salgado Dias e Maria Raquel Salgado Dias.

# ACTUALIDADES

Homenagem ao dr. Alvaro de Castro.  
— A entrega da bandeira á guarda fiscal. — Necrologia.



1. O dr. Alvaro de Castro e seu paé, o sr. dr. José de Castro. — 2. A meza que presidiu á sessão dr. Alvaro de Castro, vendo-se os srs. presidente do ministerio, ministros dos estrangeiros, guerra, colonias e marinha. — 3. Um aspecto da sessão de homenagem ao sr. dr. Alvaro de Castro.



ao salão Portugal da Sociedade de Geografia numerozo e escolhido publico.

Festa simpatica foi tambem a da entrega de uma bandeira á guarda fiscal na Praça do Comercio com a assistencia de contingentes de todas as forças da guarnição e a presenca da co-



O Sr. João Paulo da Costa Moraes, director gerente da Companhia Agricola das Naves, ultimamente falecido.

Na Sociedade de Geografia realisou-se com grande imponencia, uma sessão de homenagem ao dr. Alvaro de Castro, figura de destaque no nosso meio politico. Na sessão, que constituiu tambem uma curiosa palestra de propaganda colonial, foram ofertadas pela colonia de Moçambique as insignias

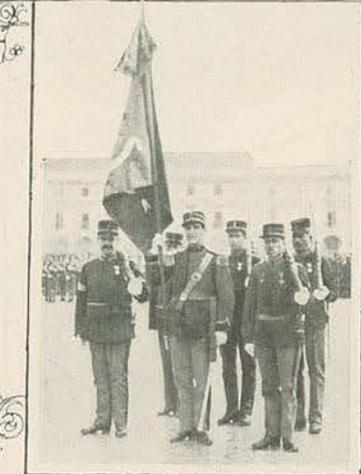
da Torre Espada em ouro como preito de admiração pelos serviços que o dr. Alvaro de Castro como governador d'aquella provincia lhe prestára. Foi uma festa simpatica que chamou



A comissão ofertante da bandeira á guarda fiscal. Em pé da esquerda para a direita: João Soares d'Oliveira, José d'Almeida Carvalho Silva, Manuel Rodrigues e Emidio Calais Grillo. Sentados, da esquerda para a direita: Manuel Alves Rente, João Calais Grillo e Alfredo Ramos Calais Grillo.



Tambem faleceu o sr. João Paulo da Costa Moraes, um trabalhador e um moço inteligente e cheio de futuro, que era já director-gerente da Companhia Agricola das Naves, apesar de ainda não ter 30 anos.



1. Os contingentes da guarnição.—2. A bandeira oferecida á guarda fiscal.—3. O presidente do ministerio e ministro das finanças encaulinhando-se para a tribuna.



Lendo a mensagem para a entrega da bandeira



1. O presidente do ministerio discursando.—2. O juramento da bandeira.

missão ofertante e dos ministros. Na comissão faltou o primeiro fotografado do grupo. Era ele o desventurado guarda-livros João Soares de Oliveira, que uma bomba estupidamente matou na Calçada do Marquez de Abrantes.



(«Clichés Serra Ribeiro».)

# O Vestuário e a Modicidade

Para quem sente bem a vibração do presente momento economico, através da carestia e do açambarcamento das primeiras coisas materiais do viver, as noticias publicadas no «Seculo», de 31 de Janeiro e 15 de Fevereiro e ainda noutros jornais do país acerca dos GRANDES ARMAZENS AFRICANOS causaram uma impressão legítima de lenitivo e de esperança. Nessas noticias a gente via, com assombro, que aparecia uma firma a combater as especulações feitas pela maioria do comercio para o constante aumento da percentagem de lucro. Era admiravel de altruismo aquela excepção!

Ora nós quizemos tambem ir apreciar «de visu» o que constituia essa empreza de



O arrojado comerciante, sr. Antonio Teixeira Lopes, socio gerente da firma Faro & Lopes, L.<sup>da</sup>

embaratecimento, para a qual toda a gratidão popular é pouca. Entrámos na Rua dos Fanqueiros, 110 a 114, e vimos, muito bem montadas, secções de camisaria, lanificios, rouparia, artigos para senhoras e alfaiataria. Havia em tudo um perfeito espirito de organização, devido ao sr. Teixeira Lopes, que é uma completa organização de comerciante moderno e que, com o sr. José de Abreu de Faro, seu inteligente socio agora em viagem pelo estrangeiro de onde anda a promover a vinda para Lisboa de



Fachada do estabelecimento, (lojas e sobre-lojas).

importantissimas encomendas, constitue a firma Faro & Lopes L.<sup>da</sup>. Avaliámos o sortido do magnifico estabelecimento, as suas superiores qualidades, os seus padrões formosos, os seus baixos preços, e chegámos a concluir que o vestuario e a modicidade não são tão incompativeis como para aí os tornam. Por isso é que os GRANDES ARMAZENS AFRICANOS, cujo nome lhes vem de terem a mais completa e especializada secção de vendas para Africa, venderam nos primeiros dias de Janeiro 20 contos, só em lanificios; e por isso é que os seus fatos, confeccionados pelo metodo Withwoort, primorosamente acabados, em tecidos nacionais, desde 35\$00; e em tecidos estrangeiros, desde 65\$00, estão enchendo a Lisboa masculina que não pode dar fortunas para se vestir bem.



Interior do estabelecimento. Uma das mais importantes secções



### DOENÇAS DE PEITO

TOSSA, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,  
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

## PULMO SERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMO SERUM"

A tosse socega-se immediatamente.

A febre desaparece.

A oppressão e as punctiones nailharga socegam-se.

A respiração torna-se mais facil.

O appetite renasce.

A saude reaparece.

As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA  
DO CORPO MEDICO FRANÇEZ.

EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

#### MODO DE USAL-O

Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY  
15, rue de Rome, PARIS



U passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



### M. ME BROUILLARD

Liz o passado e o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenliguey, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onae foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. De consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 45 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 14000 reis, 24500 e 54000 réis.

## DOENTES

### A Moderna Therapeutica Magnetica

Com o auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NATURAIS, especificados para cada caso e devidamente individualizados, constitue

#### O tratamento mais racional e eficaz

**PARA CURAR** as doencas de qualquer orgão: estomago, intestinos, ligado, rins, coração, etc., ou vias urinaarias, respiratorias e circulatorias: hemorrhoidal, doencas da nutricao, nervosas, artriticas ou linfaticas, paraliticas ou irritativas *por graves e antigas que sejam*: assim o tenho allorado na minha longa pratica no estrangeiro, e aqui pelas numerosas *curas* que tenho realisado.

*Os que softrem não devem, pois, hesitar, a submeter-se aos meus especiaes tratamentos*

#### FISICO-MAGNETICOS E DIETETICOS

De cujos lavoravels resultados *me responsabilizo*.  
Dr. P. Indiveri Colucci, consultorio *Psico-magnetoterápico*. T. C. João Gonçalves. 20, 2.º E., ao Intendente.

## Mães! sem leite

Ou com insuficiencia para amamentar os filhos e que se queiram robustecer, tomam a VITALOSE, que sendo um preparado de sabor muito agradável, lhes traz imediatamente uma grande abundancia de leite forte e purissimo, seja qual for a circumstancia em que se empregue, no mesmo tempo que as nutre consideravelmente, creando os filhos fortes e saudios sem os perigos dos «biberons» e amas mercenarias.

Assim o atestam publicamente os mais illustres e considerados medicos, e n'este facto está justificado o enorme consumo d'este conhecidissimo preparado, não só em Portugal como em muitos outros paizes onde está registado.

Recomenda-se todo o cuidado em verificar se todos os rotulos levam indicação do seu preparador Augusto P. de Figueiredo e da Farmacia J. Nobre como seu deposito geral, rejeitando sempre como suspeito qualquer outro preparado que não tenha esta indicação de garantia.

A VITALOSE vende-se em todas as boas farmacias e drogarias e em LISBOA na Farmacia J. Nobre, Rocio, 110; em COIMBRA, na drogaria Pereira Marques, Praça 8 de Maio, 34 e no PORTO, na Farmacia Dr. Moreno, largo de S. Domingos, 44. Preço 28500. Pelo correio mais 600 réis.

Vêr na proxima quarta-feira o

## Suplemento de Modas & Bordados (DO SEculo)

Preço: 4 centavos

## Pilulas laxativas Boissy

(SAPONACEAS)

### O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue, anti-biliosas e refrigerantes.

A' venda em todas as farmacias e drogarias

DEPOSITO GERAL PARA REVENDA



Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca  
Rua da Prata, 237, 1.º



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

# LIMPEZA

O' Rosa enxota o plinto...  
(Cantiga popular).



Os batoteiros, coitados,  
Apanharam traulitada!  
O' José enxota o lixo  
Enxota o lixo  
Para a escada...

**PALESTRA AMENA****Equiparação**

Como por mais que alguns funcionarios publicos vasculhem as algibeiras, não lhes encontrem senão cotão, passados os dois ou tres primeiros dias do mês e como notem que a outros vai chegando o que recebem ou ganham, vá de pedir equiparação, o que é inteiramente justo, porque todos os estomagos, em média, teem as mesmas exigencias. Mas além d'esta equiparação de vencimentos, fala-se por ai n'outras, nas de função, pelo motivo de haver denominações identicas nos vários ministerios: 1.ªs officiaes, 2.ªs officiaes, etc. — de onde ha quem pretenda que um 1.º official do ministerio da Marinha, por exemplo, passe a preencher, quando convenha, o logar de 1.º official do ministerio da Justiça...

Aqui ha trapalhada, por mais que nos digam. Pois não se está a ver que as funções, apesar da identidade de designação de quem as exerce, são muito diferentes? Então um cavalheiro habituado ha longos anos a lidar com contas, pode d'um momento para o outro começar a lidar com artigos do código? Que se diria d'um official d'alfaiate que abandonasse esse logar para ser official de sapateiro e que se diria do patrão que confiasse o corte d'uma casaca a quem só estivesse habituado a deitar tombas em botas, lá porque qualquer dos artifices era «official»?

Isto, sem descer a análise mais aturada, por quanto existem logares que se adquirem em concursos por provas publicas, exigindo habilitações numerosas e ha quem os queira equiparar a outros que foram adquiridos á força de empenhos, por individuos apenas habilitados com parentesco ou relações de intimidade com galopins eleitorais. Agarre-se n'um individuo n'estas condições e coloque-se, de subito, a par do que trabalhou anos e anos para conquistar a situação com as exigencias referidas, e pense-se depois na injustiça que se fez, no descontentamento da classe onde o intruso vai ingressar e, principalmente, nos disparates que fará, e no consequente prejuizo para os serviços publicos...

O portuguez é uma creatura facilmente adaptavel a todos os ambientes, sem a menor duvida; mas d'ahi a supôr que um enfermeiro, por exemplo, está necessariamente habilitado a ser belemguim, medeia um abismo que se nos afigura impossivel de transpôr.

— Mas exceptuam-se os quadros tecnicos, responde de além um espevitado cavalheiro.

Sim? Pois fará favor de nos definir com clareza o que é isso de quadros tecnicos, para que fiquemos convencidos e fará-tambem favor de não se pôr com outras subtilidades de metafisica — mais claramente, não fuja com a rectangular da seringa.

Venham de lá, no entanto, as equiparações, mas com a condição de re-

presentarem perfeita equidade, que não sabemos como possa obter-se com quantidades heterogeneas, desde que o trabalho util é função de diversissimos factores...

J. Neutral.

**Providencias sapateirais**

Não ha outro remedio senão uma pessoa defender-se e lá dizia o outro que um homem rico de ideias se é pobre é porque quer.

Vai duplicar o preço do calçado, não vai? Pois então recorramos ás matematicas e lembremo-nos de que uma quantidade não se altera se a multiplicarmos e dividirmos pelo mesmo numero. Se em vez de comprarmos duas botas passarmos a comprar só uma,



está claro que a despeza não varia com o aumento do preço do calçado.

— E havemos de andar com um pé calçado e outro descalço?

Sim, senhores, e sem o minimo inconveniente; porque este só poderia advir de se pôr no chão o pé descalço; desde que tal não aconteça, isto é, que se caminhe a pé coxinho, pondo no chão sómente o que está calçado, nada haverá que opôr ao novo sistema.

— E' exquisito!

Pois é, a principio; mas o habito adquire-se em breve e desde que passasse a ser moda andar d'essa maneira, ninguém extranharia — e veriam que ainda se havia de achar muito ridiculo o andar uma pessoa com os dois pés pelo chão!

**Torre de Chifre****Primavera**

Já chegam as leves andorinhas  
Das terras do norte africano  
Que a Portugal veem de ano a ano  
"Para os seus amores, colatinhas!"

Já aparecem flores entre as vithas  
Já assobla o melro tão magano;  
O rouxinol ensaia sobrehumano  
O seu cantar ao pé das almoinhas.

Já vem perto de nós a primavera,  
O roseo alvorecer na azulada esfera.  
As folhas verdes no areal do jardim!

Vão-se os temporais, vai-se o granizo,  
Ha em toda a Natureza um sorriso  
Que ao Inverno soturno deu fim!

Alvaro M. R. Soto.

**Contra o tifo**

Nunca fomos germanotilos mas quando apareceram os gazes asfixiantes mostrámos duvidas de que os sabios, ao inventa-los, não tivessem um fito inteligente. O tempo acabou por dar-nos razão: sabe-se agora que os gazes asfixiantes, ao que contam jornais scientificos, são remedio efficacissimo contra o tifo, porque... matam os piolhos.

De modo que os alemães, empregando-os na guerra foram, apenas, benemeritos; não era ao inimigo que se dirigiam, mas ao piolho. Ainda se ha de vir a provar que quando dispararam o famoso canhão sobre Paris, não foi para destruir a cidade, mas para lhe matar as pulgas.

**o pão**

Se o *Seculo* faz o milagre de conseguir que os portuguezes venham a comer pão de farinha de trigo, sempre lhe dizemos que ao pé d'este o de acabar com o jogo não vale dois caracóis.

Em todo o caso repare nas responsabilidades em que vai incorrer, porque não é d'um momento para o outro que estomagos habituados ao trabalho colossal de digerir lixo e ingredientes analogos, passem a fazer uma digestão tranquila e preguiçosa. Comer



pão para alimento, representa uma tal revolução na economia do organismo, que bem lhe pode ser fatal.

A proposito: sabem da anedota do bebado e do vinho? Se não sabem, lá vai.

Certo borrachão dirigiu-se a uma taberna, que costumava frequentar e pediu a receita costumada — um litro de vinho.

— Tinto ou branco? perguntou o taberneiro.

— Tanto faz; deite do que você quiser.

— Do que eu quiser?

— Sim; como é para vomitar...

Até agora, todo o pão nos servia, tivesse serradura, ratos, carochas, fosse o que fosse, porque era para vomitar; para digerir, porém, fia mais fino!

**Correspondencia**

Maria Rosa. — Não estamos para aturar meninas histericas.

L. B. — Idem. Consulte um veterinario.



## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Minha crida ispousa:

Alebraste da quella cumedia que ce arrepersintou pellas amêxas in Peras Ruiyas xamada *Amor pur anechins*? Pois a pessa cagora vai nu jinasio i que ce xama *Amanheser* tem u mêmo tragico i intê ce pudia xamar *U casamento i a murtalha nu sêu ce talham*. Vem a cer u ceguinte: a sr.<sup>a</sup> Laura Kirche i a familia gastam cem tom i como *quem cabritos vende i cabras nan tem de algures le vem*, u ispouso pra estifazer us gastos da familia faz lettras falças i oitras poucas bergonhas, *purque quem nan tem bergonha toudo u mundo é ceu*. Um bello dia descobrese a tramaioa, i *cumo nan á bem que cempre dure* tem de ce çafar pra nan cer preso, *purque onde ce fazem ai se pagam*. A ispousa i as duas filhas arresebem a nutisia cando andavam nu pagode, *pois quem mal nan usa mal nan cuida*, i ficam de repente na pubreza *purque quem u alheio veste na prassa u despe* i us noivos das cachopas que andavam mas era çó ó xeiro da maças decham as dittas cachopas *purque «quanto tienes, quanto vales, nada tienes, nada vales»*, cumo ce diz im lspanha da onde nan vem nunca *bom vento nem bom casamento*. Ora cumo travalhar é onra a Kirche i mal as duas filhas lansam mão du travalho; a mãi pranta uma casa de ospedes mas aquilo é um pagode *purque*



*casa onde nan á pão toudos ralhã* i ninguem tem rezão; us ospedes nan pagam, *purque onde nan á el-rei u perde*, a filha mais nova istá acase que a dar in droga, *purque onra i propêto nan cabem num çaco* i a mãi, a Amelinha Culassa é que cumo iscreve á maneca impara a familia. Nisto um velho rico apachonace pella dita Amelinha (*u amor é uma cubissa*, etc.) i quer casar cum ella; ella, nan quer, mas cumo *quem profia matta cassa i ninguem digu d'esta agua nan bebrei* cempre vem a casar, açim cumo a mana cuja esta casa prove i tem munta inveja da Amelinha apezar da mana le dar muntos presentes *purque quem munto tem munto gasta*, mas ninguem istá cuntente cum a çua corte, *i a galinha da minha vesinha é milhor cá nha*. A Kirche, que imquanto foi desinfliz cempre foi ajuizada, çobe a flecidade á cabessa i cumo *uma desgracia nunca vem çó u marido da Amelinha mettece in grandes negocios mas*

## EM FOCO



*Em nome de quarenta companheiros  
Da Associação de classe do baralho,  
Eu, valet de paus, que pouco valho,  
Vou dizer duas lérias aos parceiros.*

*Que fez este rebanho de cordeiros  
Para assim o levardes para o talho?  
E agora, que nos vêdes sem trabalho,  
«Feros vos amostraes e carniceiros!»*

*Empregai, por favor, este valet,  
E as mais cartas, que estão á boa vida,  
Na bisca, burro, solo, voltarete...*

*Eia, avante! Quem quer uma partida,  
Damas para jogar o diabrete,  
Um bonito az de copas p'rá lambida?*

BELMIRO

cumo *quem tudo quer tudo perde* fica arruinado, quer dezer çalva ainda uma parte da fortuna pra mulher que nem pur iço fica munto triste, antes pello cuntrarrio, *purque larguimas cum pão paçajeiras ção*. I vai d'ai a Amelinha que nan gustava du marido intê allí fica touda apachonada cando ce vê prove ficando o ditto marido tão agardesido que intê adurmesse, nu que faz asnêra *purque a quem adurmesse adurmesse a fazenda* i cumo u Samoel Deniz anda á coca da Amelinha *o futuro a deus pertense* i às vezes *guardado istá u bucado pra quem o adecumer*.

Canto ó desimpenho da pessa nem cim nem çopas mas cumo çou munto amigo da Amelinha *i de piquenino é que se torse u pipino* cempre dezerei á mestra Lussinda que nan deche mexer tanto a piquena *purque ce pode iscangalhar i digale que nem pur munto madrugar ce amanhesse mais sedo*. Mas infim, cumo mais çabe u *tollo nu ceu du que o avisado nu alheio iço é lá cum elles* i cum isto nan infado mais treminando pur dar muntos parabens á fantasia du adressista que fez um manjarico azul i pur te mandar muntas çoidades du teu interno ispouso amigo u ubrigado.

Jerolmo,  
Emprezario do Pauliteama  
de Peras Ruivas.

## Sonho d'uma noite de invêrno

(Notas da esposa d'um jogador)

Porque demonio recolheu hoje meu marido ás 11 horas, quando costumava recolher de madrugada?

\* \* \*

Credo! Que desasoçego em que ele

está! Ha pouco poz-se a dizer que queria saltar na barriga da dama! Está doido!

\* \* \*

Se desejo fazer uma vaca com ele? Querem ver que está a sonhar que é boi?!

\* \* \*

«Aos pés da dama!» exclamou agora. Quem será? Alguma patifa em casa de quem ele passava as noites!...

\* \* \*

Bonito! Ele, um antigo republicano, está talassa de todo. Então não está



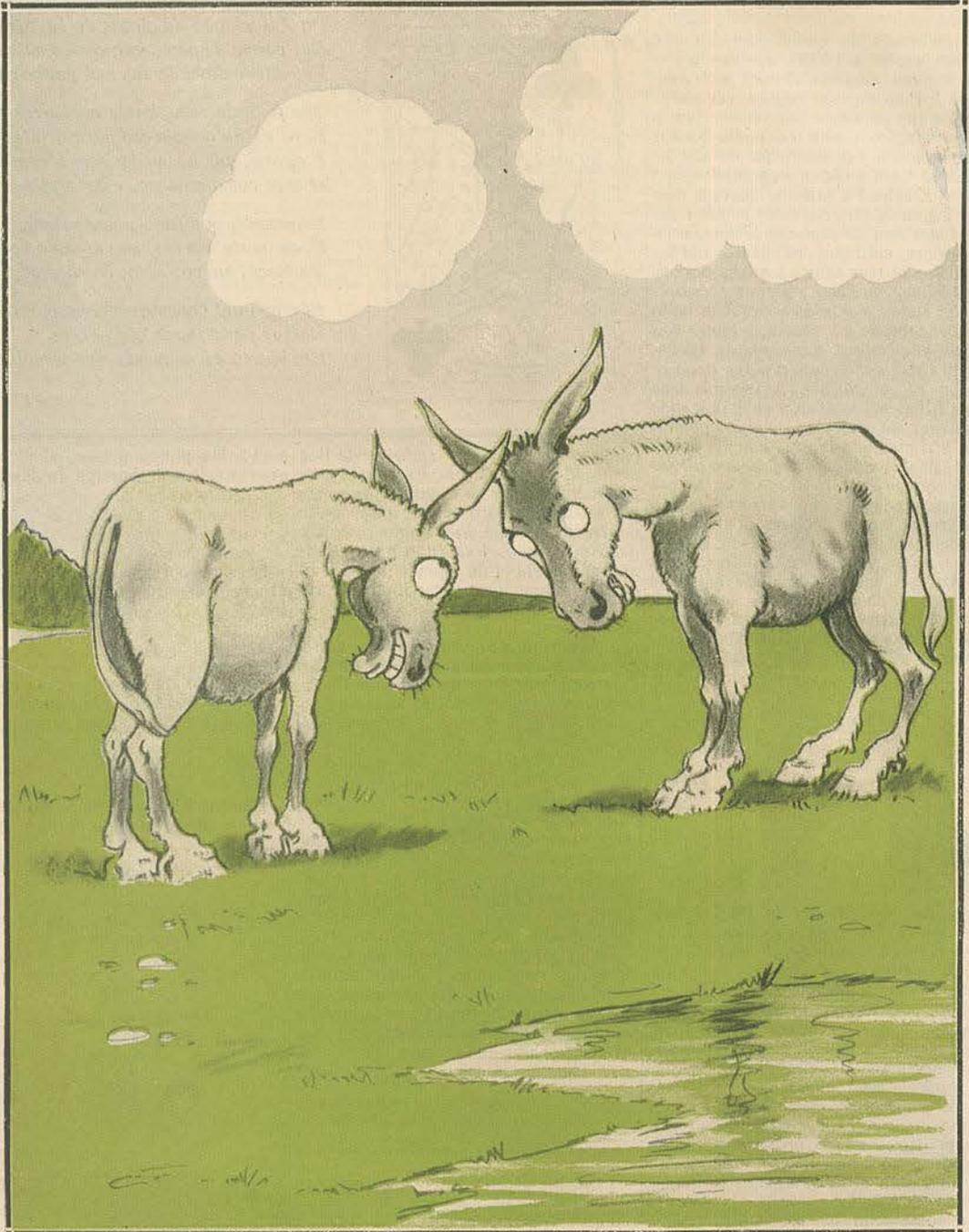
a dizer que quer «uma corôa na cabeça do rei»?!

\* \* \*

Não querem lá ver o patife? Agora diz que vai fazer um «cercco ao az». Nada: pelo sim, pelo não, levanto-me e vou dormir para o sofá!...

Emilia Sota.

# MARÇO



*Emfim, sós!*